

# Quando nasce uma estrela

Últimos minutos da vida de Valentim Estancel

Dalibor Horváth



Gondavi Apud Hæredes Maxemianæ Græci N° 157. Prostant Antverpiæ Apud  
Pib. Vee Coll. Rom. Sec. 7. Michaelem Croë Baert N° 1688. "quidam fecit

**Nome:** Dalibor Horváth

**Idade:** 29 anos (\*1979)

**Nível de escolaridade:** 5

**Residência:** Sadová 4

Šternberk 785 01

**e-mail:** [daliborhorvath@centrum.cz](mailto:daliborhorvath@centrum.cz)

**tel:** 608482255

**Instituição:** Univerzita Palackého v Olomouci, Filosofická Fakulta

**Nome do tutor:** Mgr. Petra Svobodová

.....

assinatura do autor

Capa: Gravura em cobre do livro *Uranophilus caelistis peregrinus sive mentis Uranicae per mundum siderum peregrinantis extases. Authore Valentino Estancel, de Castro Iulii, Moravo, e Societate Iesu, Olim in Universitate Pragensi, deinde in Regia Ulyssiponensi Matheseos Magistro, demum Theologiae Moralis in Urbe S. Salvatoris, vulgo Bahia Omnium Sanctorum in Brasilia Professore*, Gandavi, apud Haeredes Maximiliana Graet. Prostant Antverpiae apud Michaellem Knobbaert, M.DC.LXXXV, 1685, Gent, Belgica.

## Nota biográfica

O ano 2005 voltou a ser o de comemorações de 300 anos da morte do Jesuíta Valentim Estancel. Sei bem que pouca gente conhece algo da personalidade deste homem das Terras da Boémia e sei também que, ao longo dos séculos, esse pouco conhecimento sofria diversos olhares preconceituosos que nos podiam levar a um certo desinteresse quanto à sua vida, ao mundo controverso da Companhia de Jesus e às ideias que ela transmitia, numa confusão de teorias e mitos que a sociedade europeia tem dificuldades em distinguir e, pelo olhar mais objectivo, ultrapassar.

Valentim Estancel nasceu perto da cidade de Olomouc, em 1621. O pai dele trabalhava como um cocheiro e o seu salário era suficiente apenas para sustentar a família que era constituída pela mulher de Estancel e três filhos (uma menina e dois rapazes). A mãe, na feira de cidade, costumava vender fruta e crochês que fazia em casa. A família não tinha muito dinheiro e, por isso, o menino Valentim entrou no Colégio de Jesus em Olomouc onde a educação era de graça. Aí se dedicava aos “estudos inferiores”: três anos da gramática, um ano da poética e o último da retórica. Ao ter 14 anos, o Valentim começou a estudar a Física, Lógica e Metafísica. Além da gramática boémia e do latim, Valentim Estancel, talvez, aprendeu o grego que, na época, costumava ensinar-se nos Colégios de Jesus. E porque era um dos melhores estudantes, os pais permitiram que, em 29 de Setembro de 1637, o filho entrasse entre noviços da Companhia de Jesus do Colégio de Brno. Aí Valentim Estancel podia aprofundar os seus conhecimentos da Ciência Natural e da Doutrina da Igreja Romana.

No Colégio de Clemente (Praga), Valentim Estancel iniciou os estudos da Teologia e da Filosofia e, com o título Doutor, terminou-os no Colégio de Jičín, em 1653. Em 1654, Estancel começou a leccionar a Matemática na Universidade de Praga, presidindo

a várias discussões de bacharelado na Faculdade de Letras. Passando um ano, o Pe. jesuíta voltou à sua cidade natal em que fazia conferências da Ciência Natural, dedicando-se, como em Praga, a diversas disputas de bacharelado. Em Outono de 1556, Valentim Estancel abandonou o Colégio de Olomouc, dirigindo-se ao Colégio Romano em que trabalhava em conjunto com Pe. Athanasius Kircher. Este Jesuíta foi o autor da obra *Itinerarium Exstaticum*<sup>1</sup> que narra uma viagem celestial de Theodidactus (Kircher mesmo) e o anjo Cosmiel que conduz diversas jornadas extáticas nas quais os dois conversam sobre diversas teorias astronómicas. Valentim Estancel inspirou-se no livro do Pe. Kircher e, em 1685, publicou *Uranophilus Caelestis Peregrinus*<sup>2</sup> que é um texto dialogal entre Uranophilus (autor mesmo), Urania (musa do céu) e Geonisbe (musa da lua).

Em 25 de Maio de 1657, Valentim Estancel, pela deliberação do Padre Geral, iniciou uma viagem missionária à China, saindo do porto romano à direcção de Lisboa donde partiam os Padres Jesuítas para o Oriente. Mas os ventos sopravam em direcção contrária e o Jesuíta boémio não conseguiu iniciar a sua missão apostólica, provavelmente, pela troca da dinastia chinesa que, para a Ordem, podia significar uma certa instabilidade e atenuação. Valentim Estancel ficou algum tempo em Portugal, ensinando as Matemáticas no Colégio do Espírito Santo (Évora), no Colégio de São Tiago (Elvas) e no Real Colégio de St.º Antão de Lisboa que foi o primeiro instituto de ensino aberto pelos Jesuítas portugueses.

---

<sup>1</sup> A obra foi publicada entre os anos 1650 e 1670.

<sup>2</sup> O livro **Uranophilus Caelestis Peregrinus** foi escrito em Salvador da Baía e pertence ao género literário chamado *viagem imaginária* que servia de uma projecção espectacular de novos descobertos marítimos e de observações astronómicas que, nele, podiam ser reconhecíveis como presentes, aceitáveis ou sequer polemizados. A obra fala de Uranophilus (autor mesmo) e duas musas (Urania e Geonisbe) que, em várias êxtases, levam a personagem principal a diversas planetas celestiais.

Em 1663, apareceu em Lisboa o italiano Jacinto Magistris que foi autorizado para realizar uma visitação das Províncias jesuítas no Brasil. O visitador queria que Valentim Estancel lhe fizesse uma companhia. E convém dizer, a este propósito, que, em Abril de 1663, o Pe. Estancel, na ribeira de Belém, embarcou para o Brasil. Aí Valentim Estancel se hospedou no Colégio dos Meninos de Jesus em Salvador da Baía, tendo como objectivo principal uma função pedagógica e científica. Ao longo da sua estadia no Brasil, Valentim Estancel oscilava, sobretudo, entre o Real Colégio de Olinda (Pernambuco) e o Colégio da Baía, ensinando e observando cometas e eclipses do sol. O que vale a pena dizer é que o Jesuíta boémio era amigo do Pe. António Vieira que, em 1695, o pediu que Estancel terminasse a sua obra *Clavis Prophetarum*.<sup>3</sup> Valentim Estancel morreu em 19 de Dezembro de 1705 em Salvador da Baía.

Quanto às circunstâncias históricas, é indesmentível que essas desempenham um importante papel na vida de Valentim Estancel. Não pode ignorar-se, por exemplo, a sua entrada na Companhia de Jesus cuja fundação se realizou no âmbito das ideias fundamentais do Concílio de Trento<sup>4</sup> em que predominava o espírito do fortalecimento do poder da Igreja Romana e da Recatolização de territórios protestantes. Pode, por exemplo, contestar-se que a Companhia era, sem dúvida, uma das que, à partida, se revelava uma organização hierárquica e militar cujas “tropas” dominavam a filosofia e línguas. Orientar a evangelização de pagãos mediante a pregação e a ansiedade pela Ciência, para além dos exercícios espirituais e de obras de caridade que envolviam os soldados de Jesus debaixo da cruz, instaurou linhas da salvação da humanidade por

---

<sup>3</sup> Pe. António Vieira, em 1695, mandou-lhe uma carta, dizendo: „Porque o meu intento não é outro que não ficar totalmente perdido, entendendo os que têm notícia dele que será de grande serviço de Deus e utilidade da Igreja; e muito mais com a vida e energia, que o estilo e maduro juízo de V.Rev.<sup>a</sup> lhe pode acrescentar.“ Compare: **Vieira, Antonio: Cartas do Brasil**, org. João Adolfo Hansen, Editora Hedra LTDA,, São Paulo, 2003, p. 261. A obra *Clavis Prophetarum* não foi terminada pelo Pe. Estancel e, hoje em dia, fica perdida.

<sup>4</sup> O Concílio Ecuménico de Trento realizou-se enter os anos 1545 e 1563.

meio da educação, num campo de modelo dos Colégios de ensino. Desde a eleição de Inácio de Loyola como o Geral da Companhia,<sup>5</sup> os Jesuítas começaram a criar os Colégios para a difusão da fé e da conversão dos gentios. Estas instituições tornaram-se um campo em que os Loiolanos realizavam a sua formação espiritual e ideológica, estabelecendo um sistema da educação para todas as classes sociais.

Quanto à situação política da Europa setecentista, tenho que sublinhar a Guerra dos Trinta Anos (1618 e 1648) que integrou a política da Recatolização que foi vista no âmbito de perseguições de diversas denominações cristãs. O que vale a pena dizer é que Valentim Estancel nasceu no início do conflito da Guerra em que a sua cidade natal ficou muito arrasada. No quadro desta realidade histórica que muito havia marcar o pensamento do povo da Boémia, no tempo de diversas guerras entre luteranos e católicos, Valentim Estancel abandonou o seu país em direcção a Portugal que passou pelo processo de restabelecimento da monarquia. A Companhia de Jesus surgiu, desde logo, como ajudante desse processo em todas as terras da Coroa Portuguesa. E o que na altura mais interessava era ressuscitar o país e o seu poder nas terras além do mar, canonizando a cultura e a língua portuguesa que Valentim Estancel não dominava muito bem. Este factor podia ser uma das razões para um “desfavoreço” do Pe. Estancel entre o povo lusitano que restaurava o seu espírito nacional. Porque o idioma servia de um meio emblemático da renovação político-cultural.

A vida de Valentim Estancel mergulha também suas raízes na realidade das terras dos brasis nas quais predominava a escravatura dos nativos das terras americanas e do povo africano.<sup>6</sup> Não se conhece a postura de Valentim Estancel diante a escravidão que, no século XVI, se instalou no Brasil por motivo do comércio. Provavelmente ele não conhecia muito bem a realidade baiana à que, nos primeiros trezentos anos da história

---

<sup>5</sup> Inácio de Loyola foi eleito em 13 de Abril de 1541 (a data do início oficial da Sociedade de Jesus).

<sup>6</sup> Em 1550, vieram de Lisboa primeiros africanos a Salvador.

colonial, foram trazidos seis milhões de africanos do Continente Negro para que trabalhassem para os colonizadores europeus. Enquanto os nativos eram utilizados para trabalhos mais simples, os negros serviam de mão-de-obra de toda a produção agrícola do Brasil. Em engenhos plantava-se, sobretudo, a cana-de-açúcar que era um artigo que, na altura, alcançava altos preços. E Portugal, teórica e praticamente, desde o século XV, dominava a produção industrial desse produto da terra, implantando-o nas Américas. Nelas, a cana-de-açúcar, constituiu uma referência da sociedade colonial em que a indústria agrária se tornou uma marca do poder económico-social; e, também, a África e as suas crianças eram aqueles que, nesta parte da terra, estabeleceram uma identidade do povoamento baiano, vistos no plano da formação do mercantilismo em que o índio e o filho do Continente Negro compartilhavam as suas vidas, iniciadas em trabalhos na lavoura do campo da agricultura, em engenhos ou nos Colégios de Brasil. Num deles inicia-se o meu conto cuja parte final leva o anexo da vasta bibliografia de Valentim Estancel que, na linha histórica, liga a República Checa com Portugal e com o Brasil.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Sobre a biografia completa de Valentim Estancel, ver: Dalibor Horváth, *Valentim Estancel: uma breve reminiscência da vida*, a tese universitária defendida na Universidade Palacký em Olomouc, 2008.

## Quando nasce uma estrela

Diz-se que no momento da morte do homem nasce uma estrela nova. No céu curvo de Salvador da Baía uma delas apareceu antes do Natal, em 1705. Era a de um Jesuíta sábio chamado Valentim Estancel que faleceu na Terra da Vera Cruz em 19 de Dezembro do mesmo ano. Quem o acompanhou até o último minuto da sua vida? Em que pensou e com que sonhou agonizante antes de entrar no mundo das estrelas que adorava observar? Talvez Valentim cravasse o olhar na janela do seu quarto do Colégio da Baía, estando à espera de uma queda da estrela para proferir o seu último desejo e suspirando por ver de novo cometas de anos passados. Ou talvez sonhasse de olhos abertos, deixando voar seus pensamentos na altura de gigantes científicos da altura, recolhendo-se ao silêncio. Era o caso de se perguntar por este homem e entrar no seu quarto para sonharmos aquilo que ele vivia nas Terras da Coroa Portuguesa. Então, qual era o seu último sonho à beira da morte? Entremos, nas pontinhas dos pés, no Brasil Colonial. Giremos em torno dos Jesuítas e das Províncias de Brasil. Giremos em torno de engenhos com escravos africanos cujo canto da liberdade penetrava o silêncio de templos de Salvador. Neles ardiam velas das baianas que, entre cortinas de melania de ouro e paredes revestidas de mármore italiana, contemplavam a imagem de Cristo flagelado. As orações delas ressoavam mais alto que chicotadas dos escravistas europeus. As suas lágrimas envasavam fontes baptismas. Nelas imergiriam suas crianças, tentando arrancá-las do seu destino fatal. Era a água benta que “predestinou” as nações do Atlântico para evangelizarem o Continente Novo. Eram as águas do mar que levavam os navios da “civilização” ao povo “selvagem” que gritava à beira do mar:

O rio Tejo. O mar. Os sussurros das ondas vêm com seus cantos da sereia lusitana. Oh, água! Cala o mar! Não ponhas a culpa nos navios de bandeira portuguesa! Gostaste



da madeira, da resina cheirosa que te enfrascou, dos olhos das mulheres que encaravam à flor da água, esperando por seus homens que ocupavam as terras além do mar. As tuas ondas adoravam os toques das mãos de baianas que entregavam a Yemanjá os balaios com flores e perfumes. Aceitavas a presença dos religiosos e sacerdotes que bendiziam os teus abismos. De que vem a tua subjugação? De amor? De calculismo? Eram os poetas portugueses que te obcecaram. O que te cochichou Garcia? Sá Miranda cantou-te a sua paixão? Gil enamorou-se dos teus olhos azuis, verdade? O carinho de Camões desbravou-te? Não respondes? Não faz mal. Nós sabemos que os trovadores do príncipe da Normandia te abrandavam com cantigas de amor. Porque as espumas sussurravam: *Mui serena está la mar*. Marinheiros disseram que eles copulavam com as tuas ondas e tu gritavas do prazer. De vez em quando rebelavas, devorando os corpos apaixonados. Gozavas com eles e voltavas para o dono. Com Júpiter por guarda-costas. Com Ninfas por desgraça. E agora? Fornicas. Matas. Ficas sem crise de consciência. Mísera paixão! Não estás vivo, nem morto. Não amas, nem odeias. És só um líquido transparente e salgado. Água. Bênção e maldição. Mãe e madrasta. Que vale das lágrimas é o mar! O nosso vale. As nossas lágrimas. A nossa exclamação é o mar.

- Água! Tenho sede! – exclamou Valentim Estancel, guardando o leito do seu quarto colegial. Disse algo à boca fechada. Tinha presente as Terras da Boémia, a cidade de Olomouc, o quarto pequeno onde se estava a aquecer a água para uma mulher cheia de dores e rodeada por lençóis brancos. E os olhos dele encheram-se-lhe, porque essas dores da parturiente foram uma reflexão de acontecimentos históricos desta parte da terra: o sangue do parto era o do povo boémio que lutava na Guerra dos Trinta Anos cujo resultado iniciou um processo da recatolização violenta que provocou, pela perseguição do protestantismo, um desgosto contra o clero da Igreja Romana e contra tudo o que ela representava; os panos um dos símbolos de capitulações ou de vitórias

dos Habsburgos que divulgavam a sua política imperial por meio da ideologia católica, construindo assim um dos pilares do protesto nacionalista contra o governo oficial e o clero servil; e a água fervente uma repercussão das correntes ideológicas da Europa contra-reformista que reconfirmou os dogmas fundamentais da Igreja e o poder absoluto do Papa, proibindo aos fiéis uma interpretação das Sagradas Escrituras e da leitura de livros que não foram censurados pela Inquisição. O moribundo estava, de novo, no seu cubículo natal, reconstruindo o ano 1621 em que a Sra. Estancel deu à luz ao menino Valentim para o colocar entre aqueles que não pertenciam a grandes famílias ricas e estavam, portanto, à margem do mundo de classes predilectas. Foi o dia do nascimento de Valentim Estancel, do mesmo homem que pedia um copo de água para matar a sua sede.

- Água! Estou com a boca seca! – voltou Valentim, estremecendo com todo o corpo. Estava com febre. Mas o noviço que lhe devia servir não estava presente. Valentim Estancel deu outra vez um grito e esperou. Ninguém veio. Vieram só as memórias que o não deixavam em paz. Foram as lembranças da Europa Central que o perseguiram. Recordações e o cheiro frutífero da sua mãe que, na feira da cidade de Olomouc, vendia ameixas, peras e maçãs. O perfume revestia o quarto, causando vertigens. O homem sentia que alguém estava a olhar para ele. Levantando os olhos, Valentim Estancel entrou a ver a cara daquela que o levava no seu ventre: a mãe. As suas mãos, o olhar, a gesticulação e aquele cheiro de fruta interromperam a invenção da recapitulação da vida do homem.

- Meu filho! Tanto tempo que não te vejo. O teu pai e eu estamos muito preocupados por ti.

- Minha mãe! Que faz aqui?

- Que pergunta é essa? Vim à visita do meu filho. Não estavas à minha espera?

.....- Minha mãe, eu pensava que está morta. Jurava que...

- Shiu! Posso fazer-te uma pergunta?

- Claro, diga lá!

- Por que abandonaste os teus pais e tudo o que amavas? Por que viajaste para o Brasil? E para quê? Para viveres neste mundo que te desprezava?

- Eu queria fazer a evangelização do povo bárbaro, minha mãe.

- És um dom-quirote, Valentim. Querias evangelizar o povo que não se interessava por ti? Ao serviço dos Jesuítas portugueses que nem sabiam donde vinhas? És um homem do Leste, das terras que ficam bem longe do mundo ibérico. Tu és de um país do Continente Velho que significava um certo perigo para os indígenas e um desastre para os africanos. Sabias? Ninguém conhecia a cultura que te tinha formado.

- Sim, eu sei. Pareço ser um fidalgo estéril que ansiava pela realização do ideal. Eu sempre voava nos céus. Sempre fui obrigado a uma luta contínua contra a realidade, constantemente vencida e só uma exaltação das minhas ilusões reanimava a minha alma.

- És um prisioneiro dos teus próprios sonhos. Sabes o que é para uma mãe perder seu filho. Tenho-te feito mal? Lembro os dias dos teus estudos no Colégio de Olomouc. Foste tão bom estudante. E o teu pai era muito orgulhoso contigo e com os teus irmãos. Como cocheiro ganhou muito pouco. Por isso eu vendia fruta e croché para ganharmos a vida. Mas tentávamos dar-te o melhor. Deixamos-te estudar em Colégios da Companhia que te ofereceu tudo o que nós não te podíamos dar na época da guerra. Ai...tanto medo que eu tinha das frotas estrangeiras que mataram muita gente. Tinha pavor dos maus católicos que se aproveitavam do governo e perturbavam a religião. Tu não podes imaginar o que eu vivia e sentia na altura. Aquele horror de uma perda da minha família. A guerra. A peste. A insegurança. Sempre ficar de aviso. Foi

cansadíssimo, meu filho. Um pesadelo. E cada novo ano graduava, como se não quisesse terminar. Sonhar significava sofrer. Eu sofria com os meus desejos. Ficar acordado ou dormir? Dava igual. Enquanto eu dormia, sonhava com o terror da morte que nunca acabaria. Enquanto eu estava acordada, vivia o assombro da Maldade, da Hipocrisia, da Injustiça e do Castigo de Deus. Porque eles dominavam na altura. Eu ficava desorientada, Valentim. Eu não sabia o que fazer. Os meus filhos ajudavam-me sobreviver esse período desgraçado. Eu rezava tanto por vós. Queria que tivésseis uma fama e uma boa carreira. Maldito tudo o que desejava! Tudo maldito. Por que escolheste a vida missionária?

Antes de responder, Valentim Estancel fez uma pausa, engoliu e deu à sua mãe a resposta que ela lhe tinha pedido.

- A minha resposta sincera, minha mãe, é que eu não sei.

- Não sabes ou não vais dizer?

- Minha mãe sabe muito bem que o meu abandono estava vinculado à Companhia de Jesus. Não queria cuspir o prato. Nada. Sou imensamente grato à minha mãe e ao meu pai por tudo o que fizeram para mim. Ao resolver passar a ser Jesuíta, logo percebi que estava na Companhia que me abriria uma oportunidade de estudar e aprofundar os conhecimentos das Matemáticas. Porque a Ordem de Inácio se apoderava da vida académica de todo o mundo cristão. Eu sabia, por experiência própria, que em nenhuma outra instituição poderia colaborar com sábios e conhecer diversas teorias controversas de científicos europeus. Não pode esquecer-se que, a propósito da minha profissão, em Colégios de Jesus nasceram as minhas três grandes paixões: o amor pela Ciência Natural, pelas letras e pela vida missionária. As Matemáticas davam-me respostas às questões sobre a ordem do mundo e as suas leis naturais. Nas letras eu encontrava uma auto-realização e uma respeitabilidade da gente poderosa. O desejo missionário abriu-

me horizontes novos do conhecimento do mundo, levando-me às Terras da Coroa Portuguesa. Eu gostava dar lições nas Universidades boémias, mas aí me sentia inútil. Vazio. Sabia? Também não suportava o clima da sociedade de então. Porque o entendimento do mundo boêmio estava nos preconceitos e mercês de abusos. Mal posso pensar nas caças às feiticeiras que acenderam na minha terra. Drama, digo eu. Coitadinhas das Terras da Boémia! Coitadinha da minha mãe! Coitadinho de mim! Coitadinhos de todos que lutam neste mundo para realizarem o seu ideal. Por que os abandonei? A minha vocação não é a culpa da minha mãe. O meu pai não tem nada que ver com isso. Maldito tudo o que a minha mãe desejava? Não. Malditos sejam a fama e a carreira. Os sonhos e os desejos são uma bênção da nossa vida. Não os podemos perder, minha mãe. Temos de lutar para os cumprir. Porque vale a pena viver o ideal. Sou sonhador, minha mãe? Sim. Um aventureiro com coração de devaneador. Passava horas e horas de mortificações carnis. Nelas eu expressava o meu anseio pela coroa dos mártires. Nelas eu queria viajar para o Oriente para seguir os passos do meu padroeiro Francisco Xavier. Que horas da felicidade! Não pode imaginar a febre da minha alma juvenil que desejava catequizar e ensinar o povo gentil. E era essa febre branca um combate para europeus, porque estava em jogo a eternidade, a conquista e o domínio do mar.

Disse isso e calou-se, ouvindo a voz de uma menina que, na praça, cantou os versos de melancolia:

Estou triste, tão triste tenho a alma  
Tão cansada estou, dorida, magoada  
de Tristeza ando sempre acompanhada.  
Choro de dor, lágrimas que ninguém vê  
mas de lágrimas tenho um lago no meu peito.

Sentado ao lado de Valentim Estancel, a mãe levantou os olhos para procurar a expressão na cara dele.

- Como se fosse a minha canção, meu filho. Uma reflexão daquilo que eu sinto dentro. São os meus versos que me levam. Saudades minhas! São as saudades de uma mulher boémia. Sabias? A minha decepção da perda do lar com que sonhava. A queda das minhas ilusões. Nela podias realizar as tuas.

Passado um pouco, a mãe acabou de falar e a menina continuou a cantar:

Eu sei porque, mas tenho vivido  
a minha vida tão sufocada,  
que vou continuar com esta velha e magoada dor.  
Vivendo no receio do que irei viver,  
do sofrimento que ainda eu irei ter  
meu Deus, me dê a coragem que até hoje eu consigo manter.

A cantora ficou calada. Todos ficaram calados. No silêncio que se instalara, ouviram ruídos que vinham da abóbada celeste. Uma gaivota sobrevoou o Colégio, rindo às bandeiras despregadas. O Valentim olhou para a sua mãe.

- Que gargalhada! O pássaro está com as canjicas de fora.

- De que estás a falar? Que som é esse?

- Uma gaivota, minha mãe. Um bicho inútil, mas livre. Nada que ver connosco. Nós somos prisioneiros dos nossos desejos, do corpo, da sociedade em que vivemos. Quer ouvir uma coisa?

- Diz, meu filho!

- Uma vez senti-me como esse pássaro. Foi no porto de Roma onde iniciei a minha viagem a Portugal, embarcando um navio francês que se dirigiu a Marselha. Eu estava ansioso de conhecer todas as terras desconhecidas. Não me preocupavam os riscos dos piratas depredativos ou das doenças contagiosas. Não me importavam os raios e ventos do mar, nem o guardado lazarento francês em que comia e dormia no chão. Suportava esta cortelha que protegia cidadãos franceses contra peste que carregavam os navios estrangeiros. Passando o tempo na quarentena, eu gozava do mal comportamento e da companhia de baratas e piolhos. Terrível? Não. Os bichos foram companheiros da

minha felicidade da liberdade e da realização dos meus sonhos. A euforia exaltava a minha fantasia, dando-me uma força e um optimismo que permitia suportar tudo isso. Sentia-me como uma gaivota. Loucura? Se calhar. É uma louquice do serviço da Igreja e do Ideal. Mais nada. Queria gritar: O rio Tejo. O mar. Os sussurros das ondas vêm com seus cantos da sereia lusitana. Oh, água! A minha companheira. Amiga minha.

A conversa do Valentim foi interrompida pelos passos que vinham do corredor. Alguém estava a vir. O noviço ou uma visita? Ninguém sabia. Alguém abriria a porta e entraria. O Valentim quis dar um grito mas não tinha força. A febre estava a subir e o quarto cada vez mais abafadiço. A noite caiu e o aposento revestiu a escuridão. O ancião ficou a olhar pensativamente para a porta aberta atrás da mãe. Os passos aproximaram-se. Uma silhueta apareceu à porta. Uma mulher que Valentim Estancel conhecia: Urania.

- Boa noite, meu velho! Tudo jóia? – perguntou ela, trocando de olhares.

- Ah, Urania, entre! – ela acercou-se de Valentim Estancel e deu-lhe um beijo na cara.

Os suspiros da Urania penetravam o silêncio do quarto bafio. Os gemidos que saíram da boca dela começaram a vibrar com o corpo ancião. O sorriso da Urania era um prego que entrou no coração do homem que tinha perdido as suas forças de juventude. Valentim Estancel permaneceu calado.

- Valentim assustou-se, perdeu a fala? – começou ela – Temos de acender um candeeiro. Vou buscá-lo. - sorriu e entrou no corredor para chamar pelo noviço. Depois de um minuto, a Urania voltou ao quarto.

A voz dela provocava-lhe um arrepio de emoção. As suas palavras ressonavam na alma de Valentim Estancel, levando-o à paixão que sentia quando jovem. O ancião não a viu já há tanto tempo. Uns trinta anos. Ou mais? Sabe-se lá. O tempo passa mas ecos

do passado ficam para sempre. São os momentos comemorativos que nos fazem lembrar os sentimentos e os desejos dos anos que desapareceram no abismo da eternidade. Foi o seu amigo Athanasius Kircher que, uma vez, deu um banquete no Colégio de Roma, convidando a Urania junto com o seu sobrinho Cosmiel. Ele familiarizou-a com Valentim que se apaixonou à primeira vista. Mas o carinho dela foi sempre de difícil acesso. Por isso, de vez em quando, ele reagiu mal, reprochando-a as atitudes de frialdade de sua parte que, por vezes, ela interpretava como um chega. Porque Valentim Estancel gostaria que ela desse uma chance para os dois e que lhe mostrasse que dava valor para a sua amizade e para ele também. Valentim Estancel não queria, de jeito nenhum, ser algo negativo na vida da Urania. Isso fazia-lhe muito mal, porque esta mulher, para Valentim Estancel, foi um símbolo de tudo quanto era bom. A Urania foi a primeira pessoa que fazia o seu coração bater mais forte.

Tinha passado tanto tempo, o ancião não acreditou que essa mulher podia estar com ele nos seus últimos minutos. A Valentim Estancel faltou-lhe a tranquilidade de uma amiga do lado a quem ia deixar rolar e ver no que dava. Mas, para Estancel, isto parecia ser estranho. Talvez fosse. Ele era sacerdote. Jesuíta. Mas o homem sentia que a Urania precisava de quem gostasse dela muito. Mesmo que ela estivesse namorando com alguém, seria sempre importante que ela sentisse que tinha mais alguém que lhe queria muito bem, do fundo do coração. Valentim Estancel estava e estaria sempre ao lado dela. Não estava a empurrar para cima da Urania qualquer tipo de responsabilidade. Valentim Estancel queria sentir que tinha um relacionamento com ela. Queria sentir que ela existia. Queria ter um apoio na Urania, na sua intimidade. Queria ser especial para a sua amada. O que a Urania lhe podia dar foi a sua amizade, carinho, companheirismo. E Valentim Estancel sentia que também ele mesmo era importante para ela. Queria que ela não ficasse pensando na estranheza de seus comportamentos que partiam da sua



profissão eclesiástica. Afinal ele só queria ficar o mais rápido possível no círculo daqueles que eram especiais para a Urania.

A Urania não entendia que a singularidade da sua aparição o fascinava. Que importava se era alta ou baixa, loira ou morena, feia ou bonita. Desde que não seja ladra ou mau carácter já era a sua amiga. Ele não costumava dar um pontapé na sorte. Valentim Estancel queria que ela sentisse algo parecido e quisesse ir continuando a amá-lo.

A Urania franziu a frente, encostando-se à parede do quarto. Na sua mão empunhou o livro *Uranophilus Caelestis Peregrinus* que lhe Valentim Estancel enviou há muito tempo. Estava a fazer calor. Por isso a Urania puxou-se um pouco o vestido mais para baixo. Valentim Estancel olhou para ela com uma concupiscência.

- O que de mais significativo tem entre nós dois é que eu me sinto acompanhado por você. Sinto você próxima. É como se conhecesse você integralmente. Com você sempre ao meu lado. Tenho sentido de humor (penso eu que tenho) de modo que não sou excessivamente dramático. No momento, com o meu estado de saúde, posso estar um pouco descompensado, mais reservado...mas os meus sentimentos não mudaram. Você é uma pessoa extraordinária. Uma jóia da minha vida.

- Valentim, eu sou diferente da generalidade das pessoas que você conhece...com certeza. Mas isso não faz de mim uma pessoa anormal. Não é pelo facto de ter...sei lá se tenho...um padrão de vida diferente do seu, que isso vai impossibilitar de nos amarmos, de sermos amantes, ou outra coisa qualquer. Sobretudo, o que procuro é que se interesse verdadeiramente por mim e que você esteja longe de qualquer interesse que não seja aquele que é referente ao sentimento de paixão. Já me habituei a sentir-me acompanhada por você. Eu queria poder partilhar com você minhas coisas. Quero estar ao seu lado e sentir você ao meu.

- Urania, eu preocupava-me com a questão de ser religioso, mas entre nós se gerou uma química que não era possível contornar. Eu não costumo virar as costas para o destino. Você sabe. Eu estava em permanente defesa para não sofrer e ficava entrando nos Colégios mais por uma questão de excitação que outra coisa. Contudo com você foi diferente e eu não queria por fora uma oportunidade que a vida me estava a dar. Por isso achava que mereceria relacionar-nos. Urania! Lembra-se do dia em que nós encontramos pela primeira vez?

- Claro que lembro. O corpo formiga-me pensando no dia do banquete.

- O meu também. Beije a sua mão, sentindo uma paixão que me enlouquecia. Se a questão era nos entregarmos um ao outro, estava pronto a ir até o fim do mundo. A lua e o sol levavam-me a um gozo de prazer. Quase rebentei. Quem podia descobrir o desejo que eu sentia? A noite, as estrelas ou o céu? Eles não vão dizer nada da doçura dos seus lábios ou da suavidade da sua mão branquinha. Você levava-me aos êxtases e às brincadeiras intensamente sensuais.

Valentim Estancel sentiu uma lágrima percorrendo-lhe a cara. A Urania olhava calada, esperando um bom momento para o abraçar. O ancião estendeu a mão e mandou-a vir mais perto.

- Urania! Gosto muito de ti. Eu ansiava pela sua carne estuante. Peço desculpa que estou a dizer isso à frente da minha mãe. Mas não consigo esconder os meus sentimentos. Enlouqueci. É a primeira vez que descrevo a alguém a paixão que me agitava. Ainda bem que a primeira vez que isso aconteceu, foi com as duas mulheres da minha vida.

A Urania ajoelhou-se à cama, abraçando o seu amante cujos suspiros ecoaram pelo quarto, chegando ao Terreiro de Jesus onde se situava o Colégio e misturando-se com gemidos das ondas do mar que circulava em torno dos novos muros da cidade. A mãe

de Valentim Estancel sentia-se confusa. Não sabia o que dizer. As palavras do seu filho irritavam-na. Aflita com a escena dos amantes, levantou a voz para lhe dar a sua opinião.

- Tudo isso, meu filho, é uma loucura! Ainda bem que ninguém ouviu as tuas palavras. Isso é muito escandaloso. Sabias? Vim à visita do meu filho doente e ouço uma coisa destas? Que vergonha! Perdeste a cabeça por esta...

A mãe fez uma pausa, porque ouviu os passos de um homem que entrou no quarto e pôs o candeeiro sobre uma secretária. Urania pôs-se de pé para tomar uma vela. A luz iluminava o interior do quarto: uma pequena concha com água benta, uma cómoda, um cofre com manuscritos, a secretária debaixo da janela, e, enfim, a cama com moribundo que queria dizer qualquer coisa, mas não podia. A garganta dele apertou. Os lábios arrebentaram. A sede e a paixão paralisaram-no. O homem aproximou-se da cama e tocou na mão do Valentim.

- Você está ardendo. Tem de beber. Alguém pode trazer a água? – perguntou ele, aguardando a resposta das mulheres. Tudo mundo achava que o homem era o noviço que devia estar a dispor a Valentim Estancel. Mas as velas descobriram que todos se enganaram. Foi um amigo do moribundo, o Jesuíta que lhe pedia que o ajudasse a compor a obra *Clavis Prophetarum*: António Vieira. O mestre de sermões, nos últimos minutos da vida do homem das Terras da Boémia, estava ao lado dele para lhe dar a sua última homília. O António olhou para a escrivanhinha e apanhou um copo de água. Mas, de repente, o devolveu, murmurando algo em língua geral. Este idioma de base tupi passou por modificações ao longo de contactos entre os índios e os portugueses, tornando-se a linguagem característica da sociedade colonial. Valentim Estancel aprendeu a língua litoral do Brasil, mas não entendia nada daquela murmuração. Após quinze segundos, o António chegou ao Valentim.

- A água está quente. Isso é uma sopa. Não é melhor a gente trazer a água de coco? O que você acha?

- Escute, António! Hoje eu não quero misturar mais nada.

- Lo,lo,lo. A gente sempre ri com você.

Enquanto os homens trocaram os sorrisos, a Urania saiu do quarto para se dirigir à cozinha, ao refeitório da parte baixa do Colégio da Baía. Apanhou uma goiaba que estava posta numa tigela. Ela não conhecia a fruta exótica. Nunca ouviu falar de goiabeiras ou mangabeiras. A Urania gostava dos figos e das laranjas de Algarve. Nesse momento, ela estava ansiosa de experimentar a bolinha amarela e cheirosa, mas os gemidos de sede de Valentim Estancel não lhe deram tempo para meter os dentes à fruta. Por isso ela atirou a goiaba para o lado e apanhou um coco verde para o quebrar. Encheu um copo cerâmico e dirigiu-se ao quarto do moribundo que estava a conversar com António Vieira.

- Água de coco – começou o Valentim – foi a minha bebida predilecta em Portugal. Tanto tempo passou. Quarenta e oito anos. O tempo corre veloz, não é?

- Sim, meu amigo. O tempo está correndo.

- António, a minha vida transcorreu tão rápido. Lembro-me da minha juventude. Fui um bom estudante e fiz um curso superior das Matemáticas. Fui fazendo especializações e formações na área da Física e da Astrologia e acumulando experiencia que me levou ao campo das Universidade das Terras da Boémia e dos Colégios de Portugal. Mas abandonei a Europa, deixando para trás os meus pais, irmãos, amigos, companheiros da Ordem e cargos académicos. Como se fosse hoje. E para quê? Para eu derramar o sangue pela salvação do povo que não conhecia nada do nosso Salvador. Ao serviço da nação portuguesa. Ao serviço dos Colégios Jesuítas onde dava lições das Ciências Naturais e da Teologia, com toda a sabedoria e a paixão de que era capaz...para maior

glória de Deus. Muito trabalho. Caminho bem firmado profissionalmente, com as vantagens e inconvenientes que decorrem disso. Não tem nada que seja só positivo, nem nada que seja sempre negativo.

- Como? Você sabe o que está dizendo? Não estou certo de que todas as coisas que temos feito deram glória a Deus. Para muita gente seria incompreensível o nosso catecismo radical em que nos ligamos com a política do poder explorador e da avidez dos colonizadores europeus, participando num teatro sangrento.

- De que você está a falar? Qual teatro?

- Teatro de bonecas, Valentim. Somos actores num espectáculo, promovido por um grupo de indígenas, colonizadores e negros. O Brasil é um grande palco. O poder e a fé são bastidores. A peça? De horror. O início da colonização como primeiro acto. Nele podemos ver o destino trágico dos nativos destas terras. Porque a maioria dos indígenas foi drasticamente reduzida em função do trabalho da indústria açucareira, das epidemias de sífilis, varíola e de outras doenças trazidas por nações brancas. Os índios da Baía pertenciam às nações Jê, Tupi e Kiriri. Sabia? Você podia perguntar o que aconteceu com eles? Eu respondia: desapareceram. Onde? No niilismo da instalação do capitalismo europeu. Por isso eu lutava contra os usurpadores das nações que eu levava no meu coração. E venci. Sequer pensava.

- E essa peça tem só um acto?

- Não. Você sabe que não. Ao terminar o primeiro acto, aparece o segundo: o Continente Africano. Raros somos nós que queríamos libertar os indígenas e escravizámos os negros. Raros são nações que tiranizam as outras para manterem o interesse comercial. Dinheiro é Poder. Poder é Dinheiro. História tão antiga como a gente. Valentim, você sabe muito bem que está no país de milhões e milhões africanos. Toda a economia baiana está baseada no trabalho dos escravos que fizeram do Brasil

uma grande produtora do açúcar de cana, de fumo, de algodão, de couro e de ouro. Isso é um pesadelo para os pretos, você não acha? Que pecado dos homens que acreditavam no ideal! É o nosso pecado. A este facto, torna-se ainda necessário acrescentar que o sistema da escravidão é, como você sabe, o que prevalece em toda a sociedade colonial e se deve também, de certa forma, ao clima político-social e à ideologia da minha pátria lusitana, dividida entre a conservação de estruturas monárquicas e guerreiras dos séculos passados e a tentativa de um crescimento mercantil, desejando ser um Império de fama.

- Por que você fala assim? E qual papel nessa peça represento eu?

- Ai, meu amigo das Terras da Boémia. Você veio da Europa Central que mergulha suas raízes na política da reforma protestante e da contra-reforma católica. A Guerra dos Trinta Anos e a política habsburga marcaram essa parte da terra, bem como o espírito e visões ideológicas da sua nação. E você? Pode dizer o que você sublinhava nas suas cartas? Seja sincero comigo.

- António, você sabe que me queixava.

- E de que se queixava?

- Da impossibilidade de imprimir meus livros...e de uma falta do moral do povo baiano. O Brasil era bem mais longe de visões entusiásticas de Caminha. Porque os indígenas não se interessavam pela nossa fé. Os colonizadores ocupavam-se pelos seus interesses comerciais. Os escravos pretos enraiveciam-se de nós. Tudo isso dá uma queixa, não acha? Travei um choque com as condições coloniais, tendo muita vontade de retornar à Europa. E o povo brasileiro pensava só na vida, nas festas e celebrações.

- Está ouvindo? E você? Em que pensava?

- Na Ciência Natural, na vida eterna, no pecado e nos meus sonhos que queria realizar.

- Sim? Você é um conservador, porque nasceu no ambiente da censura inquisitorial e das perseguições de diversas denominações cristãs, crescendo na política da intolerância. E ela sempre provoca um choque, uma decepção, uma confusão. E é preciso saber que você trabalhava ao serviço do imperialismo e do nacionalismo dinástico da Coroa de Portugal, vindo para o Brasil sob a bandeira do Império da História do Futuro. Você disse que desejava derramar o seu sangue? E parece que em vez do seu sangue você derramou o seu desejo.

- O meu desejo acabou nas mãos do Visitador Geral que me levou às terras dos brasis. Lembro-me do dia da minha embarcação na ribeira de Belém. Aí, perto da Torre de Tombo, alguém estava a cantar:

Eu quero gritar	que vivo, acordada
gritar à minha alma .	ou dormindo,
que pare, esta loucura	gritar, gritar,
de escrever o que sinto	esta dor malvada
gritar,	que vivo, dia a dia
a força da violência,	e me vai, a alma
do sonho,	consumindo.

- Você, Valentim, nunca deixou de ser um sonhador.

- E você nunca deixou de pregar e amar a sua nação portuguesa.

- Sim. Você tem razão. Os dois lutávamos contra as nossas desilusões. Você na Baía.

Eu na minha terra que me acusava de heresia.

- António, eu preferia um ambiente social mais conservador à sociedade da trajectória meio liberal. Porque eu não sabia lidar com fenómenos de rejeição social do Brasil.

- Porque você é um gringo, Valentim

- Como? Gringo? Vivo aqui já há tanto tempo. Amo esta terra e o povo baiano. Não sou um indivíduo estrangeiro. Nada! Não me diga isso!

- Você não sabe que o sítio do nascimento é aquilo que marca o sangue? Parece que você aprendeu muito pouco dos costumes da gente. Você não é baiano, nem português. Você vinha das Terras da Boémia.

- E aí?

- E aí quê?..Você aprendeu bem português, mas nunca perdeu o olhar da Europa Central. Valentim, o que lhe associa a Baía? O que você podia dizer de São Salvador?

- Hum...São Salvador: a Cidade Alta e a Cidade Baixa. As duas ligadas por diversas ladeiras. São Salvador...a cidade que leva um nome tão significativo. A metrópole colonial em que, entre produtos da terra, se vendem corpos e almas dos escravos. Daí – e visivelmente daí – se mostra uma fracção do controverso da cidade que se apoderou do nome do Libertador dos mortos. Salvador? De quê? Da vida? Da morte? Da doídice? Sei lá. O que ma associa? Olhe para o porto da cidade! Ao aportar durante o dia, você pode ver o centro do comércio dos escravos africanos que são vendidos nas ruas mal calçadas e cheias do esgoto. Esta parte da cidade contrasta com a arquitectura de conventos, igrejas e casas nobres, reflectindo uma pompa e absurdidade desta Província. Ao chegar a noite, você não vê a beleza das árvores e flores baianas que encantam todo o mundo. E também não vê nada daquela vergonha dos comerciantes cristãos. Bendita seja a falta da iluminação nas ruas! Louvado seja o apagamento de lampiões de azeite de baleia! A noite é misericordiosa. Ela cobre todas as desgraças e vaidades aristocráticas, tapando a realidade quotidiana. A noite tapa a beleza e a fealdade de São Salvador para ninguém descobrir a verdade.

- Verdade? Sabe o que respondeu Cristo diante de Pilatos? Esse romano céptico ouvia diversas disputas sofisticadas que o levaram à convicção da inexistência da verdade. Que é a verdade? A sua interpretação daquilo de que você faz parte? Ou a minha? Ninguém quer beber do cálice da verdade. Ninguém a quer ouvir. Porque todos ouvem



o que querem ouvir. Alguns odeiam a nossa Ordem, enquanto outros a amam. Há gente que fala mal dos portugueses e há portugueses que falam mal de outras nações. E quando parece que a nossa civilização avança, o mundo volta ao começo. Na história humana, há sempre uma vítima e um agressor. A vítima idealizada. O atacante maldito. Um genocídio termina e outro começa. A gente sempre quer culpar alguém para sentir uma justiça neste mundo. E, muitas vezes, a jurisdição não funciona em atenção do nosso desejo. A Baía não tem nada que seja só positivo, nem nada que seja sempre negativo. Ela é o nosso lar, quer seja paradisíaco, quer seja diabólico, lindo ou feio. E o mundo é um caldeirão de ideologias e diferenças socioculturais. O Brasil é um espelho dele. O tráfico negreiro vai terminar. Os indígenas, nas Terras da Coroa, vão ganhar o seu lugar de honra. Os colonizadores vão fazer a parte de uma nova nação. Mas a Injustiça e a Intolerância permanecerão em qualquer raça e sociedade. A gente não muda. A cana desaparece, mas o desejo do poder ficará no coração de todo os seres humanos.

Valentim Estancel estava demasiado cansado para reagir às palavras de António Vieira. Mas o moribundo tinha ainda uma coisa para lhe dizer.

- Eu sei tudo isso. Na Igreja da Nossa Senhora da Ajuda, eu cantava missas para pedir a Deus pelas Terras da Coroa Portuguesa e pela humanidade toda. Os blocos de paredes podiam falar dos meus gemidos, dando ecos de minhas orações que penetravam o silêncio do espaço sacral. Nele costumavam tremular fogos espertos das velas de lampadários e castiçais do altar-mor, tudo decorado com flores tropicais cujas fragrâncias atordoavam mulatos, negros e indígenas. Eles iam à igreja para pedirem aos Céus um melhor futuro para esta parte da terra. As velas de castiçais de madeira, pintados de vermelho e iluminados o frontal com suas cortinas de damasco carmesim com franjas de ouro, serenavam os lábios dos fiéis que sussurravam orações. No

lavatório, eu branqueava a minha alma, chorando no altar da doutrina cristã e das minhas ideias. O ar da igreja estava tão abafadiço, como o da Província toda. Você, António, tinha razão. Vim do ambiente da Europa Central. Eu não aguentava sentir o calor baiano. De Portugal eu conhecia a ardência do sol que girava em torno da Restauração e da euforia em que se festejava a vitória sobre Espanha. Mas eu não enxergava os ares nordestinos; o calor sufocante que alternava a época da chuva. Ela ocasionava inundações e deslizamentos, deixando muitas famílias sem abrigo e sonhadores sem ilusões. E eu, sonhador, subordinei a minha vida à recatolização dos países rebeldes e à evangelização do povo selvagem. Mas, na verdade, pergunto se os pretos e os indígenas eram pessoas selvagens? Na opinião de sábios, cada civilização avançada chama de barbárie aquilo que não é do seu costume. Eu sei que o espírito destas nações ligam-se mais com a terra do que com os céus. Platão disse que os bárbaros tinham duas contradições: uma beleza da rudeza e um desgosto do imperfeito. É o caso da Baía que tem uma natureza indómita. E indómito é também o seu povo. E os pretos? São os falantes de iorubás, fons ou mandingos menos gente? Não. Este mundo não era nada do bárbaro, senão o mundo cuja característica idêntica consistia em diferenças de uma visão do mundo. Você e eu somos sonhadores, amantes da vida e da morte. Amámos esta parte da terra e da gente simples, lutando contra desilusões. Fazemos parte da nossa Baía. Lusitânia é o nosso lar. São Salvador é a nossa casa. Nesta cidade ficamos para sempre. Sempre sonhando. Sempre lutando para a realização dos nossos desejos. António, os nossos corações estão ligados ao Brasil. Que importarão os esquemas de livros, panfletos e histórias populares nos quais os membros da nossa Ordem saíam como bestas do tempo da escuridão. Porque uma parte dessa escuridade fica em cada pessoa. Em cada um de nós há uma pequena fascinação do mal. E toda a gente tem de nascer com ela e morrer com ela e lutar com ela. E lutar pelo ideal...até

perder a sua vida. Até ouvir o canto: O rio Tejo. O mar. Os sussurros das ondas vêm com seus cantos da sereia lusitana. Oh, água! Oh, mar! Oh, meus sonhos!

Valentim Estancel calou porque a Urania se aproximou da sua cama para lhe dar beber. O ancião engoliu um sorvo da água de coco e não aguentou mais, porque estava com falta do ar. O coração dele já não batia tão forte. A sua pulsação estava muito rara. Valentim Estancel já não sentia o cheiro frutífero, nem o sabor do coco verde. Ao olhar para a Urania, entrou a ver o seu corpo ancião. A sua amante desapareceu e ele estava a olhar para o seu próprio cadáver. A mãe dele já não estava a sentar ao seu lado. O espírito de António Vieira foi-se embora. O homem ficou sozinho...sozinho para um instante. Foi essa noite que Valentim Estancel se olhou, pela última vez, ao céu curvo, e, se calhar, sussurrou a Deus o seu desejo de ficar, para sempre, entre as estrelas.

Pergunto ainda: como foi o seu último sonho à beira da morte? Será alguma vez possível respondê-lo? Eis a pergunta que nesta ocasião se deve colocar a todos que se interessavam em encontrar a verdade sobre Valentim Estancel. Há mais questões do que respostas. Por isso este conto substitui as pessoas e palavras daquela noite em que o ancião cravou o olhar na janela do seu quarto, observando a lua que daria bem-vindos à estrela que apareceu no momento em que o Valentim fechou os seus olhos para iniciar a sua viagem celestial. E eu, Geonisbe, sou autora deste conto. A minha irmã Urania obrigou-me a escrever tudo isso para compartilharmos esta história com vocês e com todas as musas que gostavam deste filhinho adoptivo das terras dos brasis. Porque o vale das lágrimas é o mar. O nosso vale. As nossas lágrimas. A nossa exclamação do mar. O nosso terceiro acto do teatro de bonecas: ilusões e desilusões. E, além disso, a estrela que nasce no momento da morte do homem que queria gritar, gritar à sua alma que pare esta loucura de escrever o que Valentim Estancel sentia...guitar a força da

violência do sonho que o homem vivia, acordado ou dormindo, o desejo consumindo...a sede de ideal.

## Anexos

### Obra de Valentim Estancel

*Propositiones selenographicae sive de Luna, quais in alma caesarea et episcopali Universitate Olomucensi, Societatis Jesu, Defendet ac demonstrabit Defendet ac demonstrabit*; de proveniência Domus...Telczij Soctis JESV...Catalog 1660. A obra foi defendida por Sixtus Andreas Hörrer e foi dedicada ao "Reverendissimo Amplissimo ac Perillustri Domino, Domino ALEXANDRO de Pisauro, Celeberr: Monaster: Canonicorum Regularium Ordinis S. Augustini Sternbergae.

*Dioptra Geodaetica auspiciis serenissimi principis Leopoldi Ignatii Archiducis Austriae etc.: in caesarea regiaque universitate carolo-ferdinanda a Christophoro ferd. Turek a Sturmfeld et Rosenthal Equite Boemo AA. LL. et Phil. Baccal: defensa et demonstrata praeside R. P. Valentino Stansel Soc. Iesu. AA. LL. et Philos. Doctore nec non Mathematicum Professore Ordinario Pragae: Typis Caesareo Academicis, 1654, 76 páginas; a obra é da proveniência de Conventus Gradicensis.*

*Legatus Uranicus ex Orbe novo in veterem, hoc est, Observationes Americanae cometarum factae, conscriptae ac in Evropam missae a. R. P. Valentino Stansel é Societate Jesu, quindem Pragae ac Olomucii Mathematicum Professore, nunc Apostólico in Indiis Missionário, et Mathesi Pragensis (Pragae), Universitatis Carolo-Ferdinandae in Collegii Societatis Jesu ad S. Clementem Anno MDCLXXXIII, (1683), publicado na editora Typis Universit. Carole Ferdinandae.*

*Uranophilus caelistis peregrinus sive mentis Uranicae per mundum siderum peregrinantis extases. Authore Valentino Estancel, de Castro Iulii, Moravo, e Societate Iesu, Olim in Universitate Pragensi, deinde in Regia Ulyssiponensi Matheseos Magistro, demum Theologiae Moralis in Urbe S. Salvatoris, vulgo Bahia Omnium Sanctorum in Brasilia Professore, Gandavi, apud Haeredes Maximiliana Graet. Prostant Antverpiae apud Michaellem Knobbaert, M.DC.LXXXV, 1685, Gent, Belgie.*

*Orbe Affonsino, ou Horoscopo Vniuersal. No qual pelo extremo da sombra inuersa se conhece, que Hora seja em qualquer lugar de todo o Mundo. O Circulo Meridional. O Oriente, e Poente do Sol. A quantidade dos Dias. A Altura do Polo, e Equandor, ou Linha. Offerecido ao Serenissimo Senhor, e Amplissimo. Evora: na Impressão da Vniuersidade, 1658.*

*Tiphys Lusitano ou Regimento Náutico Novo o qual ensina tomar as alturas, descobrir os meridianos e demarcar as uariacoes da agulha a qualquer hora do dia, e noite. Com hum discurso practico sobre a nauegação de Leste a Oeste. Composto pello padre Valentim Stancel, da Companhia de Iesus. Lente que foi das Mathematicas em uarias Uniuersidades e ultimamente no real Collegio de Santo Antão em Lisboa, em latim. Falta o ano da publicação da obra que foi composta entre os anos 1672 e 1679.*

*Zodiacus Divini Doloris, sive Orationes XII, quibus caeli candidatus Christus Dei filius, Pontio Pilato Praeside, in aula crudelitatis in Regem Dolorum inauguratur. Autore P.Valentino Estancel è Societate Jesu Provinciae Brasiliensis. Eborae, ex Typographia Academiae. Anno M.DC.LXXV, 114. páginas, em latim. O manuscrito foi*

mandado a Portugal por Estancel mediante do Pe. Emmanuelis Monteyro (Provincial dos Jesuítas em Portugal) e, desde 1675, submetido a uma censura do Pe. Balthazar Tellez que era, na época, professor da Filosofia na Universidade de Coimbra. O livro foi dedicado a Pedro Cordeyro de Espinosa e aos Jesuítas do Brasil.

*Oeconimia Brasílica*, o manuscrito foi enviado para imprimir-se em Lovaina e o Pe. Visscher menciona-o na sua correspondência de Lisboa, em 14 de Dezembro de 1664. A carta conserva-se em Archivum Romanum Societatis Iesu, Província Fl.-Belg., “Letters des Missionnaires d’Amérique”.

*Phaenomena coelestia sive dissertatio astronómica de tribus cometis qui proximis annis in coelo apparuerunt*, (1668 ou 1665), conserva-se, provavelmente, em Archivum Romanum Societatis Iesu.

*Vulcanus Mathematicus*, o manuscrito foi anunciado pelo Pe. Athanasius Kircher (a carta de 20 de Abril de 1674). Na altura, o livro tinha por título *Termpulum Vulcanum Sacrum*. Hoje em dia, a obra está perdida.

*Novum Phaenomenum Caelestem*, a obra foi mandada por Valentim Estancel ao Pe. Sebastião de Magalhães (confessor de D. Pedro II) e dedicada ao Rei de Portugal.

*Clavis Regia Triplici Paradisi nempe Terrestris, Allegorici et Coelestis*, em latim. Tmb. In: Rev. Verbum, I Rio de Janeiro 1945, *António Vieira e as Ciências Sacras no Brasil – A famosa Clavis Prophetarum e seus satélites*, pp. 260-263.

*Philodixius Peregrinus*, a obra encontra-se na Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele II (Roma) e foi dedicada ao Governador de Pernambuco João de Sousa. O livro preserva-se muito estragado. A datação é de 24 de Julho de 1683.

*Tiphys Espiritualis*, o manuscrito foi dedicado a um Padre Geral. A datação é de 1692.

*Commentarium in Danielelem*, a publicação do manuscrito não foi permitida pela censura romana.